

INFLUÊNCIAS DE AGUSTÍN DURÁN
E EUGENIO DE OCHOA NO *ROMANCEIRO*
DE ALMEIDA GARRETT

PERE FERRÉ

Instituto de Estudos sobre o Romanceiro Velho e Tradicional
Universidade Nova de Lisboa

Ao celebrar-se este ano o segundo centenário do nascimento de Almeida Garrett, julguei oportuno apresentar neste espaço, para o qual muito me honro de ter sido convidado, um texto comemorativo isto é, uma homenagem, em Espanha, a um criador que foi, não só um pioneiro no campo da balada peninsular, como, por seu turno, um atento leitor de Agustín Durán e Eugenio Ochoa, autores aos quais tantas e tantas vezes recorreu para refazer os seus textos e que foram referências obrigatórias em muitas das introduções feitas aos romances por ele publicados.

Por sua vez, se tivermos em conta o iberismo intrínseco deste género — não esqueçamos que os romances são património dos povos peninsulares de expressão catalã, portuguesa, castelhana e galega — compreender-se-ão ainda melhor as razões desta opção em torno do *Romanceiro* de Garrett, num número monográfico subordinado ao título *Literatura Portuguesa y Literatura Española: influencias y relaciones*.

Início, assim, com este artigo, uma série de estudos sobre o *Romanceiro* de Garrett que ao longo do corrente ano publicarei, tendentes a “explicar” a edição crítica que tenho em preparação. Eis a razão do seu carácter fragmentário.

Quando Garrett, em 1843, inicia a publicação do seu *Romanceiro*, designa, de forma muito explícita, alguns autores que lhe serviram de base para o empreendimento da sua obra. Assim, afirmar-á:

Os trabalhos e recopilações de D. Agustín Durán sobre os cancioneros e romanceiros castelhanos, obra publicada em Madrid em 1832, mas que so por aqui chegou cinco ou seis annos depois, veio illustrar-me em muita dúbida e ajudar-me a classificar muita coisa difficil. A nova e augmentada edição do Sr. Ochoa, impressa em París em 1838, e que mais depressa nos trouxe a mais habitual conversação e

commercio litterario que temos com a França, algum tanto me auxiliou tambem.¹

Com efeito, em 1828, o modelo utilizado para a construção de *Adozinda* fora, essencialmente, retirado dos “romances poeticos de Sir. W. Scott e alguns outros ensaios inglezes e allemães” que “introduziram este gôsto e o fizeram *da moda*.”² Contudo, entre esta data e a publicação “integral” dos seus romances, entre 1843 e 1851, ampliará profundamente as suas fontes ou, pelos menos, explicita-las-á de forma substancial: Bürger, Elis, Percy, Lockart, Bellermann, para além dos já mencionados Durán e Ochoa, serão alguns dos nomes mencionados.³

Mas, a influência exercida sobre Garrett por estes divulgadores da *balada* apresenta-se de forma bem diferenciada. Se Scott, Bürger ou Percy lhe oferecem o modelo, Durán e Ochoa, principalmente, fornecem-lhe os paralelos textuais e algumas informações imprescindíveis para a construção dos estudos introdutórios de cada romance, bem como algumas informações avulsas incluídas nas suas notas.

Almeida Garrett foi, sem dúvida, um dos mais atentos espíritos da sua época, captando os sinais de mudança que os feixes românticos projectavam, tanto a nível da criação como da teoria, e, como tal, fiel intérprete do renovado interesse pela então designada literatura popular. Tão importante foi este autor que o próprio Menéndez Pidal, conhecido pela sua parcimónia no encómio, lhe teceu um dos maiores elogios de sempre, ao escrever:

El fué el primero en hacer cierta la tímida y fallida esperanza que el gran Jacobo Grimm concibió sobre los restos actuales de la primitiva epopeya; y los muchos años que se pasaron antes que Garrett hallase continuadores en otras partes de España, prueban lo genial de su

¹ *Romanceiro e Cancioneiro Geral*, I, Lisboa, Typ. da Soc. Propagadora dos Conhecim, Uteis, 1843, pp.XVII-XVIII.

² *Adozinda. Romance*, Londres, Em Casa de Boosey & Son, Broad Street e de V. Salva, Regent Street, 1828, p. XI. Aliás, nesta mesma obra, as suas fontes de inspiração não parecem ultrapassar substancialmente este autor britânico pois, mesmo quando afirmava que “a leitura dos muitos ensaios estrangeiros que em materias quasi semelhantes encontrava todos os dias em Inglaterra e França, mas principalmente em Allemanha” (pp. XXI-XXII), as suas referências não ultrapassavam Scott. Vejam-se, para exemplificar esta minha afirmação, as seguintes palavras de Garrett: “Não ficou menos natural nem menos nacional, porém muito mais amavel e incantadora a nossa poesia primitiva assim resuscitada por Sir W. Scott e alguns poucos mais.” (*op.cit.*, p. XIV).

³ Num magnífico artigo (“Nota sobre o início da recolha do Romanceiro da tradição oral moderna”, *Boletim de Filologia*, XXXII (1988-1992), 1992, pp. 71-82) José Joaquim Dias Marques considerará que “nessa localidade inglesa [Edgbaston] (...) o escritor, ao ler os poemas tradicionalizantes de Walter Scott, Bürger e Burns, se recordou dos romances que, em Portugal, ouvira na sua meninice” (p. 72). Sem deixar de ser uma hipótese extremamente convincente, o que é um facto é que a alusão a este autores só é feita em 1843.

cuidado exploratorio, y piden indulgencia para las muchas libertades que se tomó en su tarea de colector.⁴

Garrett e as colecções de Agustín Durán e Eugenio de Ochoa

Almeida Garrett, como assinalai no início deste artigo, apesar de ter conhecido, com algum atraso e parcialmente, a primeira edição do *Romancero* de Durán,⁵ a ela recorreu para, na “Introdução” ao segundo volume, em 1851, discorrer sobre as classificações propostas pelo autor espanhol,⁶ bem como para cotejar, com esta obra, algumas das versões por ele colecionadas (com efeito, já no seu manuscrito,⁷

⁴ *Romancero hispánico (Hispano-portugués, americano y sefardí). Teoría e historia*, 2ª ed., II, Madrid, Espasa-Calpe, 1968, p. 271. Note-se que o elogio feito a Garrett incide nas escavações da tradição oral feita pelo autor português. No que diz respeito às marcas deixadas pelo visconde em Espanha, ressalte-se a utilização em epigrafe de um fragmento da “Carta a Duarte Lessa”, por Ángel Saavedra, Duque de Rivas, no seu *Moro expósito*, iniciado em 1829 mas só publicado, em Paris, em 1834, onde figuram as seguintes palavras. “Veio outra idade, outros pensamentos, occupaões, estudos, livros, prazeres, desgostos, afflicções —tudo o que compõe a variada tea da vida—, e da minha tam trabalhosa e trabalhada vida! —tudo isso passou; e no meio de tudo isso, la vinha de vez em quando uma hora de solidão e de repouso, —e as noites da minha infancia e os romances incultos e populares da minha terra a lembrarem-me sempre. (...) e comecei a pensar que aquellas rudes e antiquissimas rapsodias nossas continham um fundo excellent e lindissima poesia nacional, e que podiam e deviam ser aproveitadas.” Veja-se, por seu turno, o comentário feito por Menéndez Pidal à utilização, por parte de Rivas, deste excerto: “al presentar su *Moro expósito* como obra romántica, (...) lo titula muy románticamente *Leyenda en doce romances*, pero los romances son clásicos endecasílabos, lo hace en la página inicial de la leyenda, concretar un recuerdo de los octosílabos, lo hace en la página inicial de la leyenda, copiando un párrafo del prólogo de la *Adozinda*, (...) Saavedra no siente de un modo directo el encanto de la poesía tradicional, sino através de Garrett.” (*op. cit.*, p. 270).

⁵ Divulga Agustín Durán a sua primeira colecção romancística nos seguintes volumes: *Romancero de romances moriscos, compuesto de todos los de esta clase que contiene el Romancero general impreso en 1614*, Madrid, León Amarita, 1828; *Romancero de romances doctrinales, amatorios, festivos, jocosos, satíricos y burlescos: sacados de varias colecciones generales, y de obras de diversos poetas de los siglos XV, XVI y XVII*, Madrid, idem, 1829; *Cancionero y romancero de coplas y canciones de arte menor; letras, letrillas, romances cortos y glosas anteriores al siglo XVIII, pertenecientes a los géneros doctrinal, amatorio, jocosos, satírico &c.*, Madrid, Eusebio Aguado, 1829; *Romancero de romances caballerescos e históricos anteriores al siglo XVIII, que contiene los de amor, los de la Tabla Redonda, los de Carlo Magno y los Doce Pares, los de Bernardo del Carpio, del Cid Campeador, de los Infantes de Lara, &c.*, Madrid, idem, 1832; *Parte II*, Madrid, idem, 1832.

⁶ No entanto, conforme ele próprio nos esclarece, não as seguirá. Eis as suas palavras: “Tampouco não julguei dever adoptar inteiramente a classificação por assumptos do Sr. Duran, que á força de systematica lhe dá em falso muita vez, e o obriga a subdiviões tam minuciosas que, por muitas demais e variadas combinações que elucidarem” e acrescenta “Depois de muitas e variadas combinações que sucessivamente tentei e abandonei, resolvi por fim limitar-me a uma divisão menos severa que a do Sr. Duran, mas que me parece mais natural porque é mais simples.” (*Romanceiro*, II, Lisboa, Na Imprensa Nacional, 1851, pp. XLIV-XLV).

⁷ “Cancioneiro / de / Romances, Xacaras, Solãos / e outros vestigios / Da antiga poesia nacional / Pela maior parte conservados na tradição / oral do povo / E agora

na página 3, figurava o quarto volume, parte I, nos "Livros que se devem consultar para apurar ésta collecção".⁸

Deste modo, para escrever alguns dos doze primeiros textos introdutórios dos seus romances, assim como para divulgar alguns dos paralelos castelhanos antigos, publicados no segundo volume do *Romanceiro*, recorrerá a esta edição.

Graças a Gomes de Amorim, torna-se possível saber a data em que Garrett tomou conhecimento da publicação da colectânea de Durán. Assim, em carta, dirigida a Gomes Monteiro⁹ e datada de 8 de Setembro de 1839, escreve Garrett:

Oh! é verdade. Por quem é mande-me o romanceiro castelhano que me prometteu. Mande-m' o sem falta, por via do Lobo, remetido com sobrescripto official —ao conservatorio— para não pagar eu muito dinheiro. - Restituirei sem grande demora; mas quero-o já, porque preciso preparar a *Adozinda* como primeiro volume, e outras xacaras para segundo volume de uma especie de romanceiro meu que entra na minha collecção.¹⁰

Como afirma Gomes de Amorim, o destinatário desta missiva "replicou immediatamente, com esta carta"¹¹ que profusamente

primeiramente colligidos / Por / J.-B. de Almeida-Garrett / Começado / 1824", manuscrito autógrafo de Garrett, conservado na Sala Ferreira Lima da Faculdade de Letras de Coimbra, catalogado, em 22 de Abril de 1983, com a cota n.º 14.657 (antiga 13.152).

⁸ Eis o modo como a referencia no citado manuscrito: "Colección de Romances castellanos anteriores al siglo 18 - ibi. Romancero de romances caballescicos e históricos anteriores al siglo XVIII, que contiene los de amor, los de la Tabla Redonda, los de Carlo Magno y los Doce Pares, los de Bernardo del Carpio, del Cid Campeador, de los Infantes de Lara, &c. —ordenado por D. Agustín Durán— Parte I. Madrid; imprenta de Don Eusebio Aguado, 1832".

⁹ Trata-se de José Gomes Monteiro, autor da obra *Eccos da Lyra Teutonica ou traducção de algumas poesias dos poetas mais populares d' Allemanha* (Porto, Na Typographia de S. J. Pereira, 1848), amigo de Garrett e com quem mantém uma longa correspondência. Sobre este autor, escreverá Francisco Gomes de Amorim: "Um jovem portuguez, seu patricio e admirador, emigrado como elle, e não menos apaixonado pela litteratura patria, fixára a sua residencia em Londres, ao mesmo tempo que o poeta. Chamava-se José Gomes Monteiro. Interrompêra os estudos do 4.º anno de leis e canones, na universidade de Coimbra, para ir, como tantos outros, comer o pão do exilio, por amor da liberdade. São públicos e sabidos de todos os relevantes serviços prestados ás letras nacionaes por esse benemerito cidadão; mas ninguem saberia, se não m' o dissesse o proprio Garrett, quantas finezas, e de que genero, deveu áquelle generoso amigo. Pelo correr d' estas memorias se avaliarão algumas. E devo declarar que só depois de eu ter provado a José Gomes Monteiro que estava sufficientemente informado dos favores que elle fizera a Garrett, e ao cabo de vivas e repetidas instancias, consegui que elle me mandasse, por intermedio de um amigo commum [Antonio Moutinho de Sousa], as interessantissimas cartas, que adiante veremos." (Garrett, *Memorias Biographicas*, II, Lisboa, Imprensa Nacional, 1881, p. 469).

¹⁰ Apud Francisco Gomes de Amorim, *op. cit.*, II, 1884, p. 526.

¹¹ *Ibidem*.

transcrevo, pelo interesse que tem para o conhecimento dos materiais colligidos da tradição oral enviados a Garrett. A saber:

Consolou-me com a sua interessantissima carta de 8, que recebi estando de cama com um leve ameaço de rheumatismo, que devo ao enfadonho tempo que ha dias aqui faz; e por isso não enviei logo pelo primeiro correio o livro que aqui me pede. Vae agora dirigido á inspecção conforme me insinúa, bem, como algumas xacaras conforme me recitou um creado meu da ilha do Fayal. A de D. Silvana tambem vae como corre n' esta cidade na bôca das velhas de bom tempo. Qualquer d' ellas tem vicios e manifestas modernices, mas pôde ser que ahí haja alguma variante de aproveitar. Tambem lhe direi a proposito que perguntando eu ao tal creado como chamavam no Fayal a estas composições, me disse que o povo lhe dava o nome de *óravía*. Não me consta que em parte alguma do reino lhe dêem este nome; mas não poderá isto ser corrupção de *aravia*? N' este caso se poderia talvez presumir que dos arabes nos veiu o modelo d' este nosso primeiro genero de litteratura. Esta conjectura creio que não se descansa sobre este unico fundamento. Se eu não temesse passar por, ao menos, indiscreto ensinando o Padre Nosso etc. diria os motivos que tenho para assim o crer. A pagina 70 do *Cancioneiro* encontrará o romance do conde Alarcos, que é o portuguez de D. Silvana com maior desenvolvimento, e talvez arranjado por algum poeta do seculo XVI sobre o antigo, que me parece ser o portuguez. Este pôde dar um lindo poema.¹²

Fornece-nos esta epístola uma série de elementos para reflexão que, neste espaço, por razões óbvias não explorarei com a profundidade que merece, contudo não posso deixar de assinalar uns quantos aspectos:

i) As variantes da ilha do Faial que figuram no mencionado "Cancioneiro / de / Romances, Xacaras, Soláos / e outros vestigios / Da antiga poesia nacional / Pela maior parte conservados na tradição / oral do povo / E agora primeiramente colligidos / Por / J.-B. de Almeida-Garrett / Começado / 1824", provêm deste criado açoriano de Gomes Monteiro.

ii) A versão da "D. Silvana" [*Conde Alarcos*] (...) como corre n' esta cidade na bôca das velhas de bom tempo" foi recitada pelo mesmo informante e encontra-se fixada pelo punho de Garrett entre as páginas 218-221 do mencionado manuscrito.

iii) Pela primeira vez, por escrito, se consigna o termo *aravia* como designação dos romances nos Açores. Recordo que, com o mesmo nome, Teixeira Soares de Sousa diz ter ouvido designar os romances naquela arquipélago e dele o toma Teófilo Braga como termo a aplicar ao *Romanceiro* nestas ilhas.¹³ Curiosamente, também, e antes de

¹² *Op. cit.*, pp. 526-527.

¹³ Numa carta enviada por Teixeira Soares a Braga, de finais de 1868, escreve: "Observarei a v. que o povo applica a todos os romances e xacaras o epitheto de *Aravias*" (in *Quarenta Annos de Vida Literaria. 1860-1900*, Lisboa, Typographia Lusitana - Editora Arthur Brandão, 1902, p. 42). Por sua vez, Teófilo na

Téofilo, Gomes Monteiro sugeriu uma origem árabe para o Romanceiro.¹⁴

Ora, é precisamente em 1839, sete anos após a sua publicação, que Garrett tem nas suas mãos o livro de Durán, dado que o "romanceiro castelhano" por ele solicitado só podia ser o quarto volume, parte I, dado que é nessa obra que, entre as páginas 70 e 75, figura o "Conde Alarcos".

Por sua vez, o contacto tomado com a colectânea de Ochoa,¹⁵ relativamente próximo da data da sua edição, como ele próprio afirmara, não deverá ter sido anterior ao da de Durán apesar da maior utilização que faz do *Tesoro*. Não devemos esquecer, para melhor entender este fenómeno, palavras suas que outorgavam à obra de D. Eugenio o prestígio de ser "nova e augmentada", só que, na realidade, no que diz respeito aos romances editados por Garrett, até ao conhecimento da segunda edição de Durán, em nenhum caso a edição de 1832 omite os romances divulgados por Ochoa e, surpreendentemente, Garrett não contempla, nem mesmo como referência bibliográfica o "Conde Alarcos" incluído na obra remetida por Gomes Monteiro.

Assim, e até ter conhecimento da segunda edição de D. Agustín, publicará Garrett, como complemento à lição portuguesa, os seguintes textos castelhanos:

I - "Bela Infanta" (Garrett, I, pp. 7-11) editando, em paralelo, as versões castelhanas de Ochoa (1838) "Estaba la linda infanta/A la

"Introdução" aos *Cantos Populares do Arquipélago Açoriano*, Porto, Typ. da Livraria Nacional, 1869, p. IX, afirma: "Na ilha de Sam Jorge ainda hoje se denominam os romances populares com a palavra *Aravias*. A designação é nada menos do que uma revelação histórica: a origem árabe dos romances populares da Península".

¹⁴ Sem pretender dizer que no arquipélago açoriano todos os informantes designam os romances sob o nome de aravias — designação que apenas ouvi, nos trabalhos de campo efectuados nestas ilhas atlânticas, a informantes que recorriam à segunda edição dos *Cantos*, publicada em 1902, na cidade da Horta — sou obrigado a corrigir a peremptória afirmação que formulei no verbete "Aravia" a publicar na *Enciclopédia Açoriana* que se encontra no prelo, onde proponho, como origem de uma eventual propagação do termo a leitura desta mencionada edição faialense. Por sua vez, sem me desdizer no que diz respeito à fantasiosa imaginação de Braga que, como vimos na nota anterior, propõe uma origem árabe para os romances, considero esta posição um debate epocal. Recordemos que Vitor Hugo, numa das suas *Orientales*, publicada em 1829, considera as origens do Romanceiro árabes e visigóticas; por sua vez, não se descure o papel, na Europa, de Pérez de Hita, de que é exemplo a obra de Thomas Rodd *Ancient Ballads from the Civil Wars of Granada*, publicada em 1801, isto sem esquecer autores como o próprio Durán que editou, como abertura da primeira edição do seu *Romanceiro*, os romances mouriscos.

¹⁵ Eugenio de Ochoa, *Tesoro de los romances y cancioneros españoles, históricos, caballerescos, moriscos y otros*, Paris, en la Librería Europea de Baudry, 1838. Garrett referencia esta obra, de forma incompleta, errando o local de edição, na página 180 do seu manuscrito. Assim, a propósito de um conjunto de versos que julga pertencerem ao "Gerinaldo" escreve: "Provavelmente este romance é a historia do pajem e Eginard com a filha de Carlos Magno. Veja o romance de Millevoeye, e a coleção de [espaço em branco] Londres, 18 [espaço em branco], p. [espaço em branco], tomo [espaço em branco], Ochoa".

sombra de una oliva" e "Caballero de lejas tierras/Llegáos acá y paréis".¹⁶

II - "O Caçador" (Garrett, I, pp. 21-24) editando, em paralelo, a versão castelhana de Ochoa (1838) "A cazar va el caballero/A cazar como solía".¹⁷

III - "A Infeitçada" (Garrett, I, pp. 32-35) editando, em paralelo, a versão castelhana de Durán (1832) "De Francia partió la niña/De Francia la bien guarnida", e indicando também, bibliograficamente, Ochoa (1838).

IV - "Conde Yanno" (Garrett, I, pp. 44-55) editando, em paralelo, a versão castelhana de Ochoa (1838) "Retraída está la infanta/Bien así como solía".¹⁸

V - "O Conde d' Allemanha" (Garrett, I, pp. 78-82) editando, em paralelo, a versão castelhana de Durán (1832) "A tan alta va la luna/Como el sol a mediodía", e indicando também, bibliograficamente, Ochoa (1838).

XII - "Dom Claros d' Alem-mar" (Garrett, I, pp. 192-203) editando, em paralelo, a versão castelhana de Durán (1832) "A caza va el emperador/A san Juan de la montaña".¹⁹

No tema XIII, por ele intitulado "Claralinda", notificar-nos-á do conhecimento que teve da saída da segunda edição do *Romanceiro general* de Durán, se bem que o texto publicado seja ainda extraído do *Tesoro de los romances*,²⁰ passando a "Não citar mais outra collecção castelhana desde que possuo ésta [a nova edição de Durán, obviamente], a mais completa e ordenada de todas.", a partir do romance XIV ("Dom Beltrão").²¹

¹⁶ Figuram, contudo, estas versões, também, na primeira edição de Durán, nas páginas 3 e 17, respectivamente.

¹⁷ Também esta versão figura, na página 11, da primeira edição de Durán.

¹⁸ Mais uma vez, e apesar de a conhecer, como assinala no corpo do texto, Garrett não edita a versão de Durán, publicada na página 70, da sua primeira edição.

¹⁹ Versão ausente no *Tesoro de los romances* de Eugenio de Ochoa.

²⁰ Escreve Garrett: "(...) Duran, ROMANCERO GENERAL, 1849-1851, tom. I, pag. 218. N' esta última e esplendida collecção que só agora me chega de Madrid quando estou corrigindo as provas da presente obra, vem mais correcto o texto por um fragmento tirado do CANCIONERO GENERAL de 1511" (*op. cit.*, p. 229). Este fragmento tirado do *CANCIONERO GENERAL de 1511* (*op. cit.*, p. 229), foi publicado em dois volumes, em Madrid, por M. Rivadeneyra, 1849-1851. A versão da "Claralinda" fora editada no volume de 1832 de Durán, primeira parte, na página 62.

²¹ Os romances impressos com os números VI a XI, não tendo Garrett encontrado exemplos nas colecções consultadas, figurarão sem a presença de paralelos castelhanos; contudo, graças ao recurso à nova fonte, o tema IX ("Reginaldo") será incluído no apêndice do volume III, entre as páginas 284-289, transcrevendo as duas versões dadas à estampa por Durán, a saber: "Levantóse Gerinaldo/Que al rey dejara dormido" e "Gerinaldo, Gerinaldo/El mi paje mas querido". Deste modo, escreverá Garrett, na página 283, do mesmo volume: "Em continuação do appendice, aqui juncto igualmente, para illustração do romance IX d' este livro que leva por titulo REGINALDO, as duas lições castelhanas que d' ella apparecem agora na última recente edição do ROMANCEIRO de Duran.

Na introdução áquelle romance disse eu que elle não apparecia nas collecções

Os restantes romances editados com paralelos castelhanos foram, apenas, os seguintes: XV - "Dom Gaifeiros", ainda no segundo volume, e, no terceiro, XXX - "Dom Duardos".²² Esta escassez de paralelos tem como causa o não terem, a esmagadora maioria dos romances publicados no terceiro volume, representantes na tradição antiga ou não terem, até à publicação deste livro de Garrett, aparecido versões quatrocentistas ou quinhentistas, ou ainda, como por exemplo os temas da "Ama", de "Avalor" ou intitulado "Cuidado e Desejo", não serem romances.

O Romanceiro de Garrett e o movimento Romântico

A construção das versões garrettianas do *Romanceiro* respondeu ao desejo de edificar um mostruário de poemas portugueses, de vetusta origem, e restaurar a literatura nacional. Confundem-se, até certo ponto, como aliás fora norma, principalmente entre ingleses mas também nalguns alemães, o espírito de antiquário com o de renovador das letras.

Com efeito, no que diz respeito à balada hispânica, na Alemanha, Herder, já nos finais da década de 70 do século XVIII, no seus *Volkslieder*, incluía versões de romances espanhóis. Schlegel tomava como base o "Conde Alarcos" para construir uma tragédia. Jacob Grimm, por sua vez, ensaiara, em 1815, uma separação entre o romanceiro velho e o romanceiro novo, chegando mesmo a desejar que textos verdadeiramente tradicionais — recordemos que o Romanceiro publicado por críticos e artistas provinha da tradição antiga — fossem publicados. F. Diez, ainda, em 1821, chegara a comparar o Romanceiro com as baladas inglesas, alemãs e dinamarquesas, valorizando a balada hispânica, entre outras coisas, pela sua dramaticidade e simplicidade natural.²³

castelhanas, porque em nenhuma das anteriores a ésta de 1849-51 o tinha podido encontrar.

Essa parte do texto, assim como a nota correspondente precisam pois d' esta correção". Esta correção, sem contudo editar as versões, já fora feita, aliás, na Nota G do segundo volume do *Romanceiro*, tendo, nessa altura escrito: "Na nova edição de Duran, tantas vezes inda agora citada, apparecem dois fragmentos, o primeiro até hoje conservado na tradição oral das Asturias, o segundo correndo impresso nos folhetos dos cegos ambulantes: ambos são inquestionavelmente reliquias dispersas do nosso romance. Allí chamam 'Gerineldo'. E o mesmo nome lhe dão em Andaluzia, onde conserva de memoria a gente do campo nos seus *corrios*, *corrillos*, ou *carrerillas*: que todas éstas appellações tem as cantigas que o povo d' aquella provincia canta ou recita de immemorial tradição" (p. 300).

²² Este romance que, como aditamento à versão fixada por Garrett, é acompanhado da versão de Durán, não será aqui estudado pois não passa de uma simples tradução dos versos de Gil Vicente incluídos na Tragicomédia de *Dom Duardos*, a partir da edição das *Obras de Gil Vicente*, II, ao cuidado de Barreto Feijo e Gomes Monteiro, Hamburgo, Na Officina Typographica de Langhoff, 1834, pp. 249-251, não seguindo, portanto, a lição de 1849.

²³ Cf. Ramón Menéndez Pidal, *Romancero hispánico*, 2ª ed., II, Madrid, Espasa

Na Inglaterra, Percy fascinara-se com o romanceiro mourisco e, nesta mesma linha, Byron acentuou o carácter exótico dos textos hispânicos. Fundamental, contudo, será a publicação, em 1823, das *Ancient Spanish Ballads Historical and Romantic*, de J. G. Lockhart, obra em que a valorização deste género atinge das expressões mais altas. Segundo Menéndez Pidal este autor "lamenta que publiquen cientos de volúmenes sobre autores que, cuando más, fueron buenos imitadores de modelos italianos, mientras no dedican ninguna atención a los viejos y sencillos poetas que se contentaban con la nativa inspiración de la altivez castellana".²⁴ Como síntese da visão britânica dos romances espanhóis, o mesmo Menéndez Pidal considerará que "No se halla en el hispanismo inglés la preocupación que muestra el alemán, desde Grimm a Diez, por estudiar los romances tradicionales y obtener en ellos, apartada y pura, la poesía primitiva que tanto importaba a las doctrinas románticas. No obstante, la impresión que el romancero produjo en Inglaterra fué la de una poesía arcaica y profundamente popular".²⁵

Foi neste ambiente que Garrett, exilado nos arredores de Birmingham, desenvolveu o seu projecto coleccionador e restaurador que, com mais profundidade, analiso noutros estudos;²⁶ mas, nos segundo e terceiro volumes, na esmagadora maioria dos textos, assume, essencialmente, o objectivo de publicar um catálogo exemplificador da tradição portuguesa.

De facto, no que respeita às fixações escritas, ostentadas nos velhos romanceiros quinhentistas de expressão castelhana, Portugal apresentava uma enorme lacuna nesse campo. Não será este o lugar, para mais uma vez, justificar este fenómeno pois o que aqui interessa é situarmos o ponto de vista romântico.

Garrett, perante tal lacuna, mas consciente da existência de uma tradição semelhante em português, embora apenas presente na memória colectiva,²⁷ esboça uma acção recuperadora dos velhos romances

Calpe, 1968, pp. 255-257.

²⁴ *Op. cit.*, p. 258.

²⁵ *Op. cit.*, p. 260.

²⁶ Pere Ferré, "Autour du *Romanceiro* portugais (1828-1988)", *La Recherche en Histoire du Portugal*, I, 1989, pp. 75-76 e "Editing Problems of the *Romanceiro*. The Romantic Tradition", in *The Politics of Editing*, org. de Nicholas Spadaccini e Jenaro Talens, "Hispanic Issues", VIII, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1992, pp. 114-116. Cf. também, o meu estudo "Breves notas em torno do *Romanceiro* de Almeida Garrett" a publicar nas Actas do colóquio *Garrett: um romântico, um moderno*, realizado em Coimbra, em Fevereiro do corrente ano.

²⁷ Conhecedor desta lacuna Garrett documenta a presença do Romanceiro "na tradição oral do povo" e, para maior dignificação do género, acrescenta: "e dispersos pelos livros de varios auctores e por alguns raros manuscritos, anda uma grande riqueza que ainda se não trattou de juntar e apurar como ella merece e como tanto precisamos" ("Introdução" ao *Romanceiro*, II, p. XLIV). No mesmo local escreverá também: "Só o povo-povo, o povo dos campos, as classes menos illustradas da sociedade protestaram em silencio contra este injusto abuso de uma justa vitoria, guardando na lembrança, e repetindo entre si, como os hymnos de uma religião proscripta, aquellos primitivos cantares das antigas eras que os doutos desprezavam e

nacionais.²⁸ Movido por esse desejo, "Decidiu, assim, 'recorrer à tradição' e escrever para Portugal, a pedir que lhe recolhessem romances. E aí, em Edgbaston, estava quando os recebeu, enviados pela mencionada 'jovem senhora'. Tal se passou, portanto, antes de 26 de Janeiro de 1824, data em que Almeida Garrett partiu de Edgbaston para Londres".²⁹ Evidentemente, essa remessa correspondeu ao início da sua coleção, cuja datação adquire enorme importância pelo carácter pioneiro da sua empresa.

Quando, em 1851, edita os seus catálogos romancísticos, apresenta-os, sob o signo da doutrina romântica, declarando o carácter factício das suas versões. Mas também nos declara a necessidade de, por vezes, *apurar* o texto. Assim, sempre que considerou necessário eliminar ou acrescentar versos ou mesmo separar versões, fê-lo com a autoridade do espírito que o movia.

Influências das versões castelhanas no *Romanceiro* de Garrett

Agustín Durán e Eugenio de Ochoa foram, como vimos, autores amplamente consultados por Garrett, mas não o foram apenas para serem lidos ou quando muito citados, mediante a transcrição de algumas das versões por eles editadas: serviram, nalguns casos, para o auxiliarem a estabelecer o seu texto definitivo. Contudo, como veremos, nem todas as versões portuguesas, com paralelos por ele detectados, foram fixadas a partir dos mesmos. Tendo em conta o elenco de romances editados por Garrett com a correspondente transcrição da versão ou versões espanholas, observaremos graus de intervenção bastantes diferenciados. A que se deverá um comportamento tão desigual?

Garrett acreditava, embebido em crenças epocais, na maior antiguidade de grande parte das versões recolhidas da tradição o que, se não é uma verdade absoluta, corresponde em muitos casos a uma certa intuição. À luz do vastíssimo *corpus* de que hoje dispomos do

perseguiam, confundindo-os no anathema geral que só tinham merecido seus degenerados imitadores e corruptores" (p. XXXVII).

²⁸ "O que é preciso é estudar as nossas primitivas fontes poéticas, os romances em verso e as legendas em prosa, as fábulas e crenças velhas, as costumeiras superstições antigas: le-las no mau latim musárabe meio suevo ou meio godo dos documentos absoletos, no mau portuguez dos foraes, das leis antigas, e no castelhano do mesmo tempo — que até bem tarde a litteratura das Hespanhas foi quasi toda uma. O tom e o espirito verdadeiro portuguez esse é forçoso estudá-lo no grande livro nacional, que é o povo e as suas tradições e as suas virtudes e os seus vícios, e as suas crenças e os seus erros. E por tudo isso é que a poesia nacional hade resuscitar verdadeira e legítima, despido, no contacto classico, o sudario da barbaridade, em que foi amortalhada quando morreu, e com que se vestia quando era viva.

Reunir e restaurar, com este intuito, as canções populares, xácaras, romances ou rimances, soláos, ou como lhe queiram chamar, é um dos primeiros trabalhos, que precisavamos. É o que eu fiz — é o que eu quiz fazer, ao menos" (*Op. cit.*, pp. XII-XIII).

²⁹ J.J. Dias Marques, *art. cit.*, p. 73.

Romanceiro Pan-hispânico constatamos a prioridade de muitos dos versos que circulam na memória colectiva sobre a dos textos conhecidos e fixados a partir de 1421 — data, como se sabe, do manuscrito romancístico mais antigo. Deste modo, o recurso ao *romanceiro velho* para retocar os seus romances só era feito em condições extremas. Assim, por exemplo, na "Bela Infanta", apesar da presença de duas versões castelhanas o seu romance base é editado conforme a *vulgata* portuguesa de dupla assonância (*á-a + -i*), editando, também, uma versão minhota, maioritariamente em *-i*, que corresponde a um modelo muito raro, em Portugal, mas do qual há testemunho, através de uma versão recolhida, no século passado, em Celorico de Basto.³⁰ Não segue, portanto, as versões espanholas que, na sua tradição antiga — a única conhecida por Garrett — apresentam um carácter extremamente fragmentário. E desse carácter se apercebe o autor do *Romanceiro* declarando-o expressamente.³¹

Por sua vez, "O Conde Yanno" será objecto de ínfimas alterações tomadas das versões castelhanas. Este romance de vastíssima expansão territorial e numérica em Portugal é, hoje em dia, um romance muito raro em Espanha. Por sua vez, o modelo tradicional português diverge substancialmente da sua fonte antiga. Com efeito, no romance velho o Conde Alarcos a instâncias do rei, que pretende casá-lo com a sua filha, ordena-lhe que mate a sua legítima esposa o que de facto acontecerá. Tal não sucede, no entanto, na tradição portuguesa, salvando-se no fim o casal e acabando por morrer o rei e a sua filha. Garrett ao comparar os textos antigos com o modelo português sentiu-se mais atraído pelo nacional. Eis as suas palavras:

Juncto a composição castelhana, e a linda versão ingleza de Lockhart [tradução fantasiosa da espanhola]: ambas illustram o texto e a questão. Comparando-as com o romance portuguez, facilmente se dará a palma a este, assim no stylo como na invenção. Tem mais drama e mais peripecias, respira mais suave melancholia, é mais casto, e porfim termina com um inesperado successo que dá prazer.³²

As influências da versão castelhana são verdadeiramente escassas. Quase não existem, na versão refundida de Garrett, versos resultantes de tradução directa — uma das poucas excepções seria: Vivendo tão descontente (Viviendo muy descontenta) — observando-se, apenas, a construção de alguns versos por inspiração do romance velho. Na

³⁰ Esta versão foi publicada, pela primeira vez, por Adolfo Coelho, "Romances populares e rimas infantis portuguezes", *Zeitschrift für Romanische Philologie*, III, 1879, p. 63.

³¹ "Os críticos e collectores da nação vizinha e parente collocam alguns romances, que são visíveis fragmentos d' este (...) É o que se vê nos referidos fragmentos que se encontram entre os primeiros das vastas collecções de Duran e de Ochoa" (*Romanceiro*, II, p. 4).

³² *Op. cit.*, p. 42.

versão de Durán, por exemplo, o rei não se considera culpado de que a filha não se tenha casado:

Esa culpa, la infanta,
Vuestra era, que no mfa,
Que ya fuérades casada
Con el príncipe de Hungría
(...)
La embajada que venía

Versos que são o ponto de partida para os garrettianos:

Mas a culpa não é minha
Ca vieram embaixadas
De Guitaina e Normandia

ou a variante apresentada como sendo de Trás-os-Montes:

De Leão e de Castilha

No romance de "O Conde d' Allemanha" é também escassa a influência do romance espanhol. Note-se, a título de parêntesis, que esta é uma das versões publicadas por Garrett que se encontra mais próxima da genuína versão tradicional.

Como escreve Garrett para a preparação desta versão, confrontando os materiais de que dispunha com a versão castelhana, "Appurei o que me parece o texto mais legítimo e verosímil".³³

De facto, a influência de Durán faz-se sentir, não com a presença de versos traduzidos, mas com a colocação, como variante, de versos muito frequentes na tradição e que, ao contrário do que Garrett pensava, são de notável antiguidade,³⁴ bem como a exclusão do corpo do texto, indo também parar ao aparato crítico, dos versos pertencentes ao "No me entierren en sagrado". Esta fixação é, pois, determinada, pelo modelo antigo.

A presença do romance velho do "Conde Claros em hábito de frade", na versão portuguesa estampada no *Romanceiro* é nula. Garrett considera o seu "Dom Claros d' Alem-mar" apesar de não saber se "nasceu portuguez ou castelhano" como sendo, com maior

³³ *Op. cit.*, p. 77.

³⁴ Garrett foi um dos mais notáveis intérpretes da estrutura formal do romance. Quando, ainda hoje, muitos pretensos estudiosos deste género continuam a pensar que o romanceiro é uma sucessão de quadras com rimas diversificadas, já este autor, em 1851, assinalava que a rima do romance tem "severas leis". Por isso contesta liberdades que não obedeçam "á rhyrna certa do romance e quando menos ao seu toante ou assoante obrigado" (*op. cit.*, p. 81). Contudo, no exemplo da passagem do Conde de Alemanha "que todos os ingenhos d' aldea se comprazeram mais a paraphrasear e a fazer thema de seus floreados e variações, modernizando-a" (*ibidem*), equivooca-se, pois, neste caso, as alternâncias de rima correspondem a reminiscências de velhos dísticos presentes na balada medieval que gerou o mencionado romance.

probabilidade, espanhol mas, "apezar de (...), impresso nas antigas colleções dos nossos vizinhos, o povo de Portugal todavia o canta bastante diverso, mas não peiorado decerto".³⁵ Com efeito, a sua fixação, descontados alguns dos pequenos retoques já costumeiros nesta obra, é sumamente tradicional, desenvolvendo-se, aliás, segundo um dos modelos presentes na memória colectiva portuguesa. Inicia o texto com o romance da "Aposta ganha" seguindo-se versos do já mencionado "Conde Claros em hábito de frade", versão contaminada, portanto, e que Garrett não corrigiu, como era norma no seu trabalho, simplesmente por desconhecer a presença deste fenómeno neste texto. Recordemos que o tema da "Aposta ganha" não figurava nas obras castelhanas consultadas por ele.

O "Dom Beltrão", não sendo dos romances mais reelaborados a partir da consulta da lição espanhola antiga, situa-se num estado intermédio. No manuscrito, nas páginas onde deveria figurar o texto (pp.55-58) não há qualquer vestígio do mesmo, encontrando-se, apenas, o título do romance, bem como o seu número de ordem (XLIV). Por outro lado, Garrett afirma contar com uma única versão —o que me parece plausível e, ao mesmo tempo, esclarecedor da maior utilização do romance publicado por Durán— e oriunda de Trás-os Montes, dado também fácil de confirmar pois, com uma única excepção,³⁶ este tema só existe, em Portugal, nessa região.³⁷

Sem pretender ser exaustivo, assinalarei alguns elementos provenientes da versão espanhola:

- i) o nome do protagonista, D. Beltrão, só figura nas versões recolhidas da tradição de inspiração garrettiana;
- ii) a presença de fórmulas, ou mesmo sequências de versos, inexistentes nos textos genuinamente tradicionais: Volta redeas ao cavallo (Vuelve riendas al caballo); De dia pelo caminho / De noite vai pelo val (~ De noche por el camino / De noche por el jaral); Os braços ja tem cançados / De tanto mouro virar (Los brazos lleva cansados / ~De los muertos rodear); Viu estar um perro moiro / Em um adarve a velar (Vido en esto estar un moro / que velaba en un adarve); Por Deus te rogo, bom moiro, / Me digas sem me enganar (Por Dios te ruego, el moro, / Me digas una verdad); Se entre vós está captivo / A oiro o heide pesar (Y si tú lo tienes preso / A oro lo pesarán); Esse cavalleiro, amigo, / Diz-me que signaes traz / Brancas são as suas armas / O cavallo tremedal (Ese caballero, amigo, / Dime tú qué señas trae. / Blancas armas son las suyas / ~Y el caballo es alazán); Esse cavalleiro, amigo, / Morto está n' esse pragal / Com as pernas dentro d' agua, / O

³⁵ *Op. cit.*, p. 190.

³⁶ Trata-se de uma estranha versão açoriana, editada por Pedro da Silveira, ("Materiais para um Romanceiro da Ilha das Flores", *Boletim do Núcleo Cultural de Horta*, II, 3, 1961, pp. 476-477) e que ostenta influências garrettianas.

³⁷ Cf. *Romanceiro*, II, p. 233.

corpo no areal (Este caballero, amigo, / Muerto está en aquel pradal / Las piernas tiene en el agua / Y el cuerpo en el arenal).³⁸

Em síntese, o conhecimento de uma só versão, aliado ao facto de os versos espanhóis traduzidos se enquadrarem, de forma perfeita, no tipo de refundição usada por Garrett, explicam o mais frequente concurso da versão quinhentista.

Quanto ao romance por ele intitulado "Claralinda" a presença do romance de Ochoa "Medianoche era por filo" (*Conde Claros Preso*) não é tão grande como Luís Augusto da Costa Dias pretende.³⁹ Afirma este autor:

Garrett tinha deste modo à mão as lições espanholas, quando "enfim em 1832 [publicou] o Sr. Durán o seu *Romanceiro*";⁴⁰ e este completava a obra nacional que empreendera Garrett entre nós, possibilitando o enriquecimento dos romances portugueses. Caso típico, o original da *Claralinda* (XXIII), um dos textos mais truncados e desprovidas (*sic*) de sentido que o nosso escritor recolheu no vol. ms., surge altivo e reluzente na versão final, como não seria de esperar. A não ser...justamente! a não ser que a lição espanhola, apresentada

³⁸ Poderão estes últimos versos parecer genuinamente tradicionais, pelo que não passaria a convergência com as lições quinhentistas de um simples fenómeno de conservadorismo da memória colectiva. Não creio que assim seja. Se confrontarmos o texto de Garrett com versões editadas no *romanceiro* póstumo de José Leite de Vasconcellos (*Romanceiro Português*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1958) dissipar-se-ão as dúvidas: não figuram, em nenhuma delas, as palavras *amigo*, *pragal* nem *pernas*. Na versão nº 17 lêem-se os seguintes versos: Cavaleiro d' armas brancas / viste-lo por qui passar? // Eu vio morto n' areia, / com a cabeça no juncal. Por sua vez, na versão nº 18, encontramos o seguinte texto: Esse soldado, senhor, / morto está no areal; // os seus pés tem sobre a areia / e a cabeça no juncal; na versão nº 21 figuram estas variantes: Esse soldado, senhor, / morto está no areal; // o corpo está na areia / e a cabeça no juncal. Como últimos exemplos apresento os versos das versões nos. 24 e 27: Cavaleiro de armas brancas / morto está no areal; // tem o corpo na areia / e a cabeça no juncal e Esse soldado, bom velho, morto está no areal. // Seu corpo tinha na água / e a cabeça no juncal. No entanto, se lermos a versão apresentada por Manuel da Costa Fontes (*O Romanceiro Português e Brasileiro: Índice temático e Bibliográfico*, I, Madison, Hispanic Seminary of Medieval Studies, 1997, p. 67) depararemos, nesta sequência, com versos muito próximos do romance de Almeida Garrett: Esse cavaleiro, amigo, / morto está naquele fragal, // co' as pernas entre as águas (?) / e os corpos no areal. Só que esta versão não passa de uma citação feita a partir da memorização da versão estampada em 1851.

³⁹ Luís Augusto da Costa Dias, *Fontes Inéditas do Romanceiro Português*, Os Papelinhos de Garrett, Sintra, Câmara Municipal, 1988.

⁴⁰ Não é este o momento oportuno para rever as várias etapas de formação do *romanceiro* manuscrito de Garrett, pelo que não questionarei aqui se, de facto, a versão da "Claralinda" pertence à chamada terceira fase (que Costa Dias situa entre 1834 e 1843); contudo, o que sim é certo é que o confronto da sua versão com os textos espanhóis só pode ter sido feito a partir de 1839, dado que antes dessa data não conhecia a obra de Durán, e antes de 1839 parece-me pouco provável que tenha tomado contacto com o *Tesoro de los Romances*, de Ochoa, pela informação detectada no seu manuscrito, em que indica somente a obra de Durán, dada à estampa em 1832. Ver, neste estudo, nota 8.

mesmo em aditamento ao *Romanceiro* de 1851, tenha concorrido para o apuramento literário da versão garrettiana.⁴¹

Claro que concorreu, como aliás o fizeram, em maior ou menor grau, todas as lições castelhanas apresentadas "em aditamento" e não creio que os versos ausentes do manuscrito tenham dependido da versão castelhana por ele editada. Em primeiro lugar, porque a esmagadora maioria dos versos não figura no texto espanhol e, em segundo lugar, porque são, de um modo geral, profundamente tradicionais uma série de fórmulas, ausentes do manuscrito, e só possíveis de incluir na versão de 1851, após a recolha de versões oriundas da tradição. Garrett, aliás, já trabalhara este romance no seu volume de 1843, com o título "Rosalinda", onde, para além de versos totalmente compostos pela sua Minerva, aproveita partes do texto presentes no seu manuscrito —excluídas em 1851— para, integralmente ou submetidas a pequenos retoques as incluir nesta recriação.⁴²

⁴¹ *Fontes inéditas do Romanceiro Português*, p. 73.

⁴² Comparem-se os versos publicados em 1843 (*Romanceiro*, I, Lisboa, Typ. da Soc. Propagadora dos Conhecim. Uteis, 1843), entre as páginas 187-189, com os editados no manuscrito entre as páginas 240-241: Oh monteiro, do que viste, / Monteiro, não vas contar: / ([...]/ ~Oh pagem não vas contar/), Dou-te tantas bolsas de oiro / Quantas tu possas levar (Dou-te tantas bolsas de oiro / Quantas tu possas levar) Tudo o que viu o monteiro / A elrei o foi contar (~O pagem tudo o que viu / A elrei o foi contar) / Á casa da estudaria / Aonde estava a estudar / (Á casa da estudaria / Aonde estava a estudar) / Se á puridade o disseras, / Tença te havia de dar (~Se em segredo m' o dissesses, / ~Pensão te havia de dar) Quem taes novas dá tam alto / Alto hade ir ...a inforçar / (~Disseste-lo aqui tam alto / ~Logo te mando inforçar). Após alguns versos de recriação garrettiana ou de clara inspiração no manuscrito, sem contudo seguir textualmente a lição manuscrita, prosseguirão as semelhanças e coincidências, ora com a versão da "Claralinda" autógrafa, ora recorrendo a versos fixados, no mencionado manuscrito, na página 179, pertencentes a outro romance, não sem que Garrett nos informe no seu códice do porquê deste processo. Eis as suas palavras, no códice manuscrito, página 241: "Nota. Veja a pag. 179 que o final do romance de Girinaldo pertence a este, pois o fim de Eginard (Girinaldo) não foi a morte violenta como n' este". Como, a partir deste momento, as suas fontes derivam, essencialmente, de páginas distintas assinalarei, para as distinguir, em itálico as provenientes do romance "Girinaldo". Eis as correspondências textuais -: Inda não é meio-dia / Começa a campa a dobrar / (~Inda não é de manhan, / começa a campa a dobrar) Inda não é meia noite / Vão ambos a degollar / (~Inda não é meio dia / Vão ambos a degollar) Ao toque de ave-marias / Foram ambos a enterrar / (Ao toque d'ave-marias / Foram ambos a enterrar) A infanta no altar mor, / Elle á porta principal / (A infanta no altar mor, / ~O pagem á porta principal) Na cova de Rosalinda / Nasce uma árvore real / (~Na cova da bella infanta / Nasce uma árvore real) Na cova do almirante / Nasceu um lindo rosal / (Na cova de Girinaldo / Nasceu um lindo rosal) Elrei, assim que tal soube / Mandou-os logo cortar / (Elrei, assim que o soube, [~Elrei que aquillo viu] / Mandou-os logo cortar [Logo os mandou cortar]) Que os fizessem em lenha / Para no lume queimar / (Que os fizessem em lenha / Para no lume queimar) Cortados e recortados / Tornavam a rebeitar / (Cortados e recortados / Tornavam a rebeitar) E vento que os incostava / E elles iam-se abraçar / (E vento que os incostava / ~Elles iam-se abraçar) A rainha, que tal soube, / Cahia logo mortal / (~A rainha que tal viu / Cahia logo mortal) Não me chamem mais rainha, / Rainha de Portugal / (Não me chamem mais rainha, / Rainha de Portugal) Apartei dous innocentes / Que Deus queria juntar / (~Pois apartei dois amantes / Que Deus queria juntar). Acrescento uma última observação, nesta nota. No volume manuscrito, a

Com efeito, em 1843, na página 182, escreve Garrett:

Eu fiz este romance de tres fagmentos diversos, tam fagmentos que nenhum d' elles per si se entendiam bem. O primeiro appareceu-me inserido no de Eginaldo - Girinaldo, como diz em muitas partes o povo. —O segundo e terceiro invôltos com o de Clara-linda ou Claralindes, que os castelhanos chamam *Clara-niña*, e ao romance o do conde Claros.

A esta nota acrescentará o mesmo autor as seguintes palavras, em 1851:

Depois de publicado esse primeiro tomo, obtive uma melhor e mais completa cópia; ja lhe não cabe o nome de fagmento: é a que aqui dou com suas variantes, e com a mais ampla licção castelhana.⁴³

Se nem sempre as palavras de Garrett correspondem a uma real contabilização de versões, neste caso, sem dúvida, uma nova versão foi por ele conhecida, não se encontrando fixada no manuscrito autógrafa, mas que seguramente existiu, pois, de outro modo, seria inexplicável, como acima escrevi, a tradicionalidade de muitos dos versos que compõem a versão fixada em 1851.

Pese embora alguns dos versos da sua versão poderem ter como base a versão espanhola, essa influência não seria necessária para a construção da lição da "Claralinda", dado que a tradição oral é rica em exemplos que referendam a versão de 1851. Assim:

i) Meia-noite ja é dada, / Os gallos querem cantar, / O Conde Claros na cama, / Não podia repousar. (Medianoche era por filo / Los gallos quieren cantar / Conde Claros por amores / no podía reposar) são versos que encontram paralelo em: Meia noite já é dada, já os galos querem cantar // Conde Claros com amores não podia repousar,⁴⁴ ou Meia noite vai andada, outra meia por andar, // Dom Carlos por mal d' amores não pode descansar,⁴⁵ ou, ainda, Conde Claros, por amores, não podia repousar, // Deitando na sua cama, como pêxinho no mar.⁴⁶

ii) Deram-lhe saio de seda (Diérale jubón de seda) encontra o seu paralelo numa versão madeirense: Mandou chamar seus criados, / à pressa, não devagar // que lhe desse de comer, de vestir e de calçar // de

versão da "Claralinda", como já se observou pelo cotejo realizado, apresenta-se composta por versos do *Conde Claros Preso* e da *Novia abandonada* ou *Princesa peregrina* com versos, sempre difíceis de delimitar neste tema, do *Conde Niño*. Esta raríssima contaminação é, contudo, referendada na tradição pela versão de Guimarães, número 55, editada por José Leite de Vasconcellos, no primeiro volume do seu *Romanceiro*, entre as páginas 61-64.

⁴³ p. 211.

⁴⁴ José Leite de Vasconcellos, "Romanceiro da Madeira", *Revista Lusitana*, XXXIII, 1935, pp. 177-192.

⁴⁵ Francisco Manuel Alves, "Cancioneiro Popular Bragançano", in *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, Porto, 1938, p. 566.

⁴⁶ Versão publicada na revista *Xarabanda*, III, 1º semestre de 1993, p. 48.

meiazinha de seda, sapatinho cordavão.⁴⁷ Repare-se que o verbo é introduzido, na versão madeirense, no verso anterior; por sua vez, apesar desta versão consignar *meiazinha* e não *saio*, na versão espanhola figurava *jubón*.

iii) Que bello corpo que tendes / Para com elles brigar. / Melhor o tenho, senhora, para com elles brigar. (!Cómo habéis hermoso cuerpo / para con moros lidiar! / Mejor lo tengo, señora / para con damas hólgar). Pode este fragmento corresponder à tradução da versão castelhana; a tradição consigna, não obstante, fórmulas próximas: Que peito tendes, D. Carlos, / p'r'a co'os Mouros batalhar. // Melhor o tem a menina / p'ra comigo se abraçar.⁴⁸ Lindo corpo do mancebo / para comigo brincar // Melhor trago eu, senhora, / para consigo casar.⁴⁹ Oh, que lindo corpo d' oiro/ para com os mouros brigar // Mais lindo o tendes, senhora, para comigo brincar.⁵⁰

Mas, mesmo aceitando que estes versos tivessem sido compostos sob o signo da versão castelhana, seria impossível explicar todo o romance garrettiano sem o concurso de, pelo menos, uma versão tradicional "completa".

Após a delação feita ao rei, este ordena a prisão e morte do conde Claros. Sabedora da sorte do seu amante a infante implora o perdão paterno afirmando, na versão de Garrett (p. 217):

—Deus vos salve, senhor rei,
E a vossa c'roa real!
Que vos fez o conde Claros
Para o mandardes mattar?
—Se eu tivera outra filha
Para em meu reino reinar,
Juro-te, ó Claralinda,
Que o ias acompanhar.
Mas toma-o tu por marido,
Por genro o quero eu tomar;
E ninguem mais n' esta côrte
Se atreva a mexericar.

Por sua vez, em nota, acrescenta as seguintes variantes:

—Ganhaste, mexeriqueiro,
Com o teu mexericar!
—Ganhei a morte, senhora,
E a vida me podeis dar.
—Se ella está na minha mão,
A vida não te heide dar:
Para outra não fazeres

⁴⁷ *Ibidem*. O sublinhado é meu.

⁴⁸ José Leite de Vasconcellos, *Romanceiro Português*, I, p. 56.

⁴⁹ Joanne B. Purcell, *Novo Romanceiro Português das Ilhas Atlânticas*, Madrid, Seminario Menéndez Pidal, 1987, p. 84.

⁵⁰ *Op. cit.*, p. 89.

Ja irás a degollar,
E ao rabo do meu cavallo
Te mandarei arrastar.

Em primeiro lugar, este diálogo final entre a infanta e o delator (“mexeriqueiro”) não figura nas versões velhas, encontrando-se só nas tradicionais (O que vinheste, mexeriqueiro, o que vinheste mexericar? // —Ganhei a morte, senhora, que a vida me pode dar.⁵¹ Ou Também tu, Clara linda, a vida me podes dar // —É verdade, sim senhor, que a vida te posso dar // Mas, para emenda do mal, vou-te já mandar matar.).⁵² Em segundo lugar, os versos inseridos no corpo do texto da edição do *Romanceiro* acima transcritos são uma ínfima síntese da ampla intriga exposta na versão antiga.⁵³ Ora, mais uma vez a tradição oral moderna confirma o texto garrettiano. Assim:

—O que fez Claralinda para mandar matar,
e o que fez Claro Conde para mandar degolar?
—Cá se eu tivesse outra filha, cá no meu reino reinado,
eras tu, Claralinda, que ias hoje a matar.⁵⁴

ou

Deus vos salve, o mê bom rei, com a vossa cooroa real!
Conde Carlos que lhe fez para o mandar matar?⁵⁵

ou, ainda,

—Já que lo queres pa’ marido, eu genro vou-lo chamar.⁵⁶

Não prossigo o cotejo, pelos lógicos limites a que me obriga este artigo. Assinalo apenas que não serão meras coincidências ou semelhanças textuais, as que definitivamente sustentem a dependência, nos moldes defendidos por Luís Augusto da Costa Dias. Neste romance, a presença do romanceiro espanhol não passa, como em muitos dos textos até agora analisados, de uma simples fonte de consulta para burilar a versão definitivamente estampada por Garrett, pelo que reafirmo a existência de legítimos textos, coligidos na tradição e conhecidos por este autor.

Pelo contrário, é radicalmente distinto o comportamento de Garrett com os romances de “Dom Gaifeiros”, “Dom Duardos”, “O Caçador”

⁵¹ Versão inédita recolhida por Vanda Anastácio e Pere Ferré, no dia 26/8/1983, em Madalena do Mar (c. Ponta do Sol), recitada por Georgina Gomes de 69 anos.

⁵² Versão publicada na revista *Xarabanda*, III, 1º semestre de 1993, p. 48

⁵³ Para mais detalhe cf. *Romanceiro*, II, pp. 227-229.

⁵⁴ Versão inédita referenciada na nota 51.

⁵⁵ Joanne B. Purcell, *Novo Romanceiro Português das Ilhas Atlânticas*, p. 85.

⁵⁶ *Op. cit.*, p.87.

e “A Infeitada”. Nestes textos a presença dos romances castelhanos —com excepção de “Dom Duardos”, como adiante se verá— é decisiva para a sua construção.

A propósito do primeiro escreverá o autor do *Romanceiro*:

Eis aqui uma verdadeira preciosidade litteraria, a edição ou licção portugueza de um dos mais celebrados romances da nossa peninsula, “Dom Gaifeiros”.

E prosseguirá:

Tinha-o incontrado na collecção manuscrita do cavalleiro de Oliveira, mas confesso que fiz injúria á sua memoria, suppondo, sem mais exame, que era pia fraude do bom cavalleiro, e que elle não tinha feito mais do que traduzir dos romanceiros castelhanos o que lá tinha achado em muito boa letra redonda. Não é assim; julguei de leve e julguei falso: o romance é corrente na tradição de Trás-os-montes. Tenho em minha mão cópias authênticas do cantar do povo feitas por pessoas fidedignas e inteligentes d’ aquella provincia. As cópias não differem em essencial; todas são mais curtas do que as licções castelhanas dos romanceiros, mas nenhuma as segue literalmente; e o mesmo faz a do cavalleiro de Oliveira, que é todavia a mais completa das portuguezas.⁵⁷

Após esta informação dir-nos-á que “appurei por todas ellas o texto como aqui o dou, recorrendo, nas frequentes difficuldades e dúvidas em que me achei, á licção castelhana tal como a dá Duran, que assevera tê-la copiado, não do ‘Cancioneiro de Ambers’, nem da ‘Floresta de varios’, senão de um codice muito antigo que tinha á vista”.⁵⁸

Começara Garrett por duvidar da versão do Cavaleiro de Oliveira, até que lhe chegam textos de Trás-os-Montes —pelo menos a informação geográfica é pertinente pois, em Portugal, só lá é conhecido este romance— contudo mais abreviadas —o que também é uma informação correcta, pois as versões tradicionais trasmontanas reduzem o velho romance à sua mais profunda essencialidade. Assim, recorrerá à versão de Oliveira que, segundo as suas palavras, como vimos, é “a mais completa das portuguezas” e à de Durán para “appurar” a sua versão.

Quanto à versão divulgada pelo Cavaleiro de Oliveira, não conhecemos o seu texto e nada mais sabemos do que aquilo que consegui averiguar Lindley Cintra na Biblioteca do Congresso de Washington.⁵⁹ Segundo Garrett a versão do Cavaleiro de Oliveira encontra-se próxima da velha versão castelhana, ainda que apresentasse

⁵⁷ *Romanceiro*, II, pp. 244-245.

⁵⁸ *Op. cit.*, p. 245.

⁵⁹ Cf. “Notas à margem do *Romanceiro* de Almeida Garrett”, *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, VIII, 1, 1967, pp. 105-135.

variantes, sendo mesmo mais incompleta. Sem querer julgar esta afirmação, é plausível que o Cavaleiro de Oliveira tivesse anotado uma versão mais tradicional ou semi-tradicional deste romance coligida, eventualmente, entre judeus da diáspora. De facto, já Leite de Vasconcellos testemunhara este tipo de versões detectando a existência de dois romances (*Sacrificio de Isaac* e o da *Infantina* e o *Caballero burlado*) numa miscelânea hebraica do século XVII, em Londres,⁶⁰ sendo o segundo uma versão muito aporuguesada e bastante tradicionalizada destes temas.⁶¹

Deste modo, munido da versão de Oliveira e consciente de que o romance existia em Portugal —o que legitimava, pelo menos parcialmente, a versão anotada na *Biblioteca Lusitana*—, debruçou-se sobre a versão de Durán pois, através dela, completaria as lacunas do texto do exilado português. E assim, Garrett ampliará, profundamente, as versões tradicionais com que contaria —lamentavelmente para este romance o manuscrito é totalmente omisso— transformando-a num extensíssimo romance. Note-se que a versão mais longa das recolhidas na tradição oral moderna não ultrapassa os 72 versos heptassilábicos, tendo a de Garrett 368. Para esta amplificação serão traduzidos versos de Durán e criadas novas sequências de intriga para o aproximar da versão castelhana. Eis alguns exemplos:

i) No campo da tradução selecciono uns quantos versos para melhor se observar o processo: Assentado ao taboleiro / Para as taboas jogar. / Os dados tinha na mão / Que ja os ia deitar. (Asentado está al tablero / para las tablas jugare / Los dados tiene en la mano / Que los quiere arrojare.); A seu tio dom Roldão (~Por su tio Don Roldane); O comer da carne crua, / No sangue a sede matar. / Sangue vertiam meus pés / Cançados de tanto andar (Comiendo la carne cruda / ~Bebiendo la roja sangre / ~Trayendo los piés descalzos / ~Las uñas corriendo sangre); Agora a saber sou vindo / Que a Sansonha foi parar; / E eu sem armas nem cavalo / Com que a possa ir buscar. (~Ahora sé que está en Sansueña / ~En Sansueña esa ciudad, / ~Sabéis que estoy sin caballo / ~Sin armas otro que tale); E sempre te vi com armas, / Com cavallos a adestrar; / Agora que estás sem elles / É que a queres ir buscar? (~Siempre os he visto con armas / ~Y caballo otro que tale / ~Ahora que no las teneis / ~La quereéis ir a buscare.); Meu cavallo bem vezeiro⁶² / Não o quero mal vezar. (Mi caballo está bien vezado /

⁶⁰ "Dois romances peninsulares". *Revista de Filología Española*, IX, 1922, pp. 395-398.

⁶¹ Sobre estes manuscritos cf. Samuel G. Armistead e Joseph H. Silverman, "El romancero entre los sefardíes de Holanda", in *Études de Philologie Romane et d'Histoire Littéraire offertes à Jules Horrent*, Liège, 1980, pp. 535-541 e "Three Hispano-Jewish romances from Amsterdam", in *Medieval, Renaissance and Folklore Studies in Honor of John Esten Keller*, Newark, Juan de la Cuesta, 1980, pp. 243-254.

⁶² Para não se forjarem demasiadas conjecturas sobre um grau de tradicionalidade superior ao que creio teriam as versões do Cavaleiro de Oliveira, para este verso Garrett atribui a seguinte variante em Oliveira: Bem vezado. Esta expressão corresponde ao verso do romance castelhana.

No lo querría mal vezare); Em San' João de Latrão / Fiz juramento no altar. / De a ninguém não prestar armas / Que m' as faça accovardar. (~Sacramento tengo hecho / ~Allá en San Juan de Latrane / A ninguno prestar armas / ~No me las hagan cobardes); Dom Gaifeiros, que isto ouviu, / A espada foi a tirar (Gaiferos que esto oyó / La espada fuera a sacare); Bem parece, Dom Roldão, / Bem parece, mal pezar! (Bien parece, Don Roldán, / ~Siempre me quisiste male); Bem parece, Dom Gaifeiros (Bien parece Don Gaiferos); Aquelle que mais te quer, / Esse te hade castigar; / Fôras tu mau cavalleiro, / Nunca te cu dissera tal. / Porque sei que es bom t' o disse... (Que aquel que bien os quiere / ~Ese os quiere castigare, / Si fuéades mal caballero / No os dijera yo esto tale / ~Mas porque sé que sois bueno); Mercês, meu tio, heide ir só (~Mercedes, dijo Gaiferos); Só, tenho de a ir buscar (~Sólo me quiero ir, sólo); De covarde a mim! ninguem / Nunca me hade apellidar (~Nunca me dirá ninguno / ~Que me vido ser cobarde); Pois só queres ir, sobrinho (~Pues sólo queréis andar); Dá-lhe mais redea que espora, (~Al caballo dadle rienda); Para as portas de Sansonha (~A Sansueña fué a llegare); Deu com um christão captivo (~Vido un cautivo cristiano); Por Deus te peço, captivo (~Dios te salve, el cristiano); A uma dama chritan / Senhora de alto solar, (~Si hay aquí alguna cristiana / ~Que sea de alto linaje); E a vida leva a chorar (~Empezara de llorare); Toma essa rua direita / Que leva ao paço real (~Por esa calle adelante / (...) / ~Del gran palacio reale); Melisendra viu estar (Vido estar a Melisendra); Cavalleiro se a França ides (Caballero, si a Francia ides); Se não é medo de moiros / De com elles pelejar / Já serão outros amores / Que o fizeram olvidar (~Si no me deja por miedo / ~De con los moros pelear / ~Debe tener otros amores, / ~De mi no lo dejan acordare); Dá-lo-heis a Oliveiros / A Dom Beltrão o heis-de dar / E a meu pae o imperador (Dareislas á Oliveros / ~Daréislas a Don Roldane / (...) / ~El emperador mi padre); Esse recado, senhora, / Vós mesma lh' o haveis de dar / Dom Gaifeiros aqui o tendes / Que vos vem a libertar (~Porque esa encomiendas / Vos mesma las podéis dare / ~Que a mi allá dentro en Francia / ~Gaiferos suelen nombrare); Ella do balcão abaixo / Se deitou sem mais fallar (~Tiróse de la ventana); Com Deus e a Virgem Maria / Que nos hãode acompanhar (~Ya quisiera Dios del cielo / Y Santa María su madre); Aperta cilha ao cavallo / Affrouxa-lhe o peitoral (Al caballo aprieta la cincha / Y allojábale el pretale); Saltou-lhe em cima de um pulo / Sem pé no estribo poisar / Tomou-a pela cintura / Que o corpo ergueu por lha dar (~Sin poner pié en el estribo / ~Encima fue a cabalgare / (...) / ~El cuerpo le da y cintura / ~Porque lo pueda abrazare); Finca esporas ao cavallo / Que o sangue lhe faz saltar (~Hincábale las espuelas / ~Sin ninguna piedad); Não te assustes, Melisendra, / Que é força aqui apeare / Entre éstas árvores verdes / Um pouco me hasde aguardar (~No os enojéis, mi senhora, / ~Seráos fuerza aqui apeare / ~Y en esta grande espesura / ~Podéis, senhora, aguardare); Apeou-se Melisendra / Allí ficava a rezar (Apeóse Melisedra / ~No cesando de rezare); Ja cahem tantos e tantos / Que não teem conto nem par / Com o sangue que corria / o campo se ia a alagar

/ Rei Almançor que isto via / Começava de bradare / Por Alá e Mafamede / Que o viessem amparar (~Tantos mata de los moros / Que no hay cuento ni pare / De la sangre que salía / ~El campo cubierto se hae / El rey Almanzor que esto vido / ~Empezara de hablare / ~!Oh válasme tú, Alá,!! / ~?Esto qué podía estare?); Não ha outro cavalleiro / Que se te possa egualar. / Será este Urgel de Nantes, / Oliveiros singular, / Ou o infante Dom Guarim? / Esse almirante do mar? / Não ha nenhum d' entre os dôze / Que bastasse para tal / Só se fosse Dom Roldão / o incantado sem par. (~Que tal fuerza de caballero / ~En pocos se puede hallare: / Debe ser el encantado / Ese paladín Roldane / ~O debe ser el esforzado / Renaldos de Montalvane / ~O es Urgel de la Mancha / ~Esforzado y singulare / No hay ninguno de los doce / Que bastase hacerlo tale).⁶³

ii) Por sua vez, o desenvolvimento dado à intriga deste romance garrettiano, não só segue de muito perto a versão de Durán como se afasta decididamente da versão tradicional. Com efeito o romance é contado por Garrett do seguinte modo:

- a) Gaifeiros, na corte, diverte-se com jogos palacianos.
- b) O tio acusa-o de cobardia por não ir libertar Melisendra.
- c) Gaifeiros justifica-se e solicita-lhe armas e cavalo para retomar a libertação de Melisendra.
- d) Novas acusações do tio que nega o empréstimo solicitado.
- e) Gaifeiros pergunta como pode libertar a sua esposa sem as armas.
- f) O tio afirma ter feito o juramento de não emprestar armas a cobardes.
- g) Reacção violenta de Gaifeiros.
- h) Intervêm Dom Guarino, Durandarte e Oliveiros "com muitos outros dos doze" para os separar.
- i) Responde o tio, Dom Roldão, chamando-lhe a atenção para a sua juventude mas confirmando-lhe que acredita no seu valor e só por isso o pôs à prova. Oferece-lhe as armas e o cavalo e presta-se a acompanhá-lo.
- j) Gaifeiros manifesta o desejo de ir só e aceita o empréstimo.
- k) Gaifeiros parte para a terra dos mouros e, ao chegar, finalmente, a Sansonha, vê que o rei mouro sai com o seu séquito e ele aproveita para entrar na praça forte.
- l) Encontra um cativo cristão e pergunta por Melisendra.
- m) O cativo indica-lhe onde a poderá encontrar.
- n) Gaifeiros encontra Melisendra e após um diálogo com esta dá-se a conhecer. Melisendra, antes de o reconhecer, queixara-se de Gaifeiros que a não vinha buscar.
- o) Melisendra inicia a fuga com Gaifeiros mas um mouro dá o alarme.
- p) Os cristãos lançam-se em fuga conseguindo transpor as portas da cidade.

⁶³ Não prossigo o cotejo, que figurá na anunciada edição crítica, por me parecerem mais do que suficientes as provas de que Garrett traduziu Durán.

q) Aparece o rei mouro (Almançor) e vendo que correm o risco de ser aprisionados, Gaifeiros esconde Melisendra entre o arvoredado e combate os mouros.

r) Gaifeiros derrota o exército inimigo obrigando Almançor a lamentar o encontro e a perguntar o nome do cavaleiro.

s) Gaifeiros identifica-se e Almançor foge para Sansonha.

t) Reencontro de Gaifeiros com Melisendra. Esta teme que Gaifeiros esteja ferido, contudo Gaifeiros saiu ileso.

u) Regresso à corte do Imperador, sendo o herói recebido pelos pares de França e um vastíssimo séquito que celebram o retorno de Gaifeiros com Melisendra e festejam este feito.

Pelo contrário, as versões tradicionais, para além de não compartilharem com a de Garrett a profusão de detalhes, omitem d), e), f), g), h). Com grande parcimónia —indica-se apenas a entrega das armas— figuram i), j). Por sua vez k) e l) limitam-se apenas a versos do tipo À entrada de uma vila, à saída de um lugar, // encontrou dois mourinhos que vinham a passear. // —Deus vos guarde, ó mourinhos, Deus vos queira guardar, // vós visteis a Cristiana, ou nela ouvisteis falar?⁶⁴ Estão presentes também m), n) o) e p). Raras vezes, não obstante, se dá o encontro com os mouros e quando isso ocorre nem chega a haver combate. Por fim r), s), t) e u) não figuram na tradição oral moderna.

Numa palavra, Garrett viu-se obrigado, julgando demasiado fragmentárias as versões tradicionais e tendo à mão a versão do Cavaleiro de Oliveira a amplificar, desmedidamente, o seu romance mediante a versão de Durán.

Por fim, os romances de "O Caçador" e "A Infeitiçada" derivam da lição de Durán. Garrett dá a conhecer, no seu manuscrito, uma versão muito próxima da genuína tradicionalidade que, como é normal na tradição oral moderna portuguesa, só conhece estes temas contaminados. O próprio Garrett confessa que o romance da "Infeitiçada": "Em algumas das nossas provincias anda confundido, na versão oral, com o romance do 'Caçador' e custa desvençillhá-los".⁶⁵ Esta *confusão*, que a crítica moderna designa contaminação, era para Garrett, como para grande parte da erudição romântica e positivista,⁶⁶ um elemento degenerativo da tradição popular.

⁶⁴ Leite de Vasconcellos, *Romanceiro Português*, I, p. 51.

⁶⁵ *Romanceiro*, II, p. 30.

⁶⁶ Esta designação, introduzida pejorativamente pelos positivistas, perdeu hoje o seu carácter negativo, tendo-se transformado num termo 'neutro'. Aliás a esta visão negativa, mais recentemente, sucedeu uma nova valorização. Entre muitos outros exemplos leiam-se as seguintes palavras de Paul Bénichou: "Ce procédé a été observé depuis longtemps, mais le nom de 'contamination' qu' on lui a donné en dissimule peut-être l' importance et le caractère véritable. (...) le mélange des textes, dans la tradition orale, n' est pas une contamination, avec ce que ce mot suggère d' irrégulier ou de choquant: c' est un mode d' invention et de récréation normale" ("La belle qui ne saurait chanter: Notes sur un motif de poésie populaire", *Revue de Littérature Comparée*, XXVIII, 1954, p. 280).

Vimos casos de contaminação em romances anteriores mas que, por não conhecer a tradição antiga ou por nela não figurarem, Garrett não corrigiu —recorde-se o tema da 'Aposta ganha' na "Claralinda". Mas, neste caso, o editor romântico conheceu, graças a Durán e a Ochoa, versões independentes da *Infantina* ("O Caçador") e do *Caballero burlado* ("A Infeitiçada") pelo que, para restaurar a "legítima" versão, viu-se obrigado a intervir. A falsidade desta separação é facilmente comprovável, recorde mais uma vez, pela presença dos temas contaminados no seu manuscrito autógrafa.

Como as fixações do manuscrito não correspondem todas elas a legítimas versões colhidas da tradição e, como o próprio Garrett informa que conhecia versões contaminadas destes romances, muitos poderão pensar que o meu juízo é demasiado drástico. A minha afirmação, não obstante, assenta na consulta de 195 versões publicadas e mais de 60 inéditas em que, com a lógica exceção de fragmentos, em caso algum figuram estes dois temas separados. É, pois, evidente o processo restaurador utilizado por Garrett.⁶⁷

Por fim, nada haverá a dizer sobre o romance de "Dom Duardos", cuja fixação é feita traduzindo a versão de Gil Vicente. A presença de Durán é um mero complemento bibliográfico.

Breves conclusões

Em síntese, Garrett recorreu, para a fixação dos seus textos, a Durán e a Ochoa de forma desigual. Assim, sempre que dispunha de um amplo número de versões portuguesas, utilizava os romanceiros espanhóis para apenas com eles burilar as suas edições. As exceções situam-se quando o número de versões conhecidas era menor, como no caso do "Dom Beltrão" em que recorre aos romanceiros castelhanos para confirmar a intriga e "melhorar" o texto, ou muito principalmente no romance de "D. Gaifeiros" em que, provavelmente induzido pelo manuscrito do Cavaleiro de Oliveira, se viu obrigado a reelaborar profundamente o seu romance. Por fim, os romances "confundidos" ou contaminados foram também sujeitos a profundas reelaborações. É o caso de "O Caçador" e a "Infeitiçada" que, graças aos romances velhos, pode restaurar. Claro que só o fez nestes casos por serem os únicos de que tinha conhecimento na sua vasta colecção.

Um último aspecto parece-me também importante destacar, se bem que não dependa exclusivamente de Durán e de Ochoa esse seu desejo. Garrett, como bastas vezes assinali, esboça nos segundo e terceiro volumes desta obra um vasto catálogo destinado a fornecer temas que sirvam de inspiração aos novos poetas. Só deste modo se explicam as

⁶⁷ Para mais detalhes ver o meu citado artigo "Editing Problems of the *Romancero*. The Romantic Tradition", in *The Politics of Editing*, org. de Nicholas Spadaccini e Jenaro Talens, "Hispanic Issues", VIII, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1992, pp. 110-124.

suas palavras finais, no mencionado caderno autógrafa, onde assinala uma série de temas que serviriam de "assumpto de chacaras ou romances".⁶⁸ Contudo, também o espírito de antiquário, tal como escrevi páginas atrás, o moveu para construir este seu *Romanceiro* e foi esse espírito que o induziu a criar uma colecção de romances. Deste modo, tal como asseverou Garrett:

Não quero compor uma obra erudita para me collocar entre os philologos e antiquarios, e pôr mais um volume na estante de seus gabinetes. Desejo fazer uma coisa útil, um livro popular; (...) para dirigir a revolução litteraria que se declarou no paiz,⁶⁹

contudo, concomitantemente, defendeu desejar "supprir uma grande falta na nossa litteratura com o trabalho que intentei m' esta collecção".⁷⁰ Ora, essa "falta" era, precisamente uma colecção de romances tal como Durán e Ochoa, entre outros, tinham organizado para a literatura espanhola.

⁶⁸ Figuram, nas duas últimas páginas um elenco de 56 "asumptos" —o 57º foi riscado— onde inclui temas como a rainha Dª Teresa e o filho, Dª Maria Teles, Inês de Castro, D. Sebastião, D. Afonso VI, a Cava, Viriato, a Bruxa, a Mão do finado, etc.

⁶⁹ *Romanceiro*, II, pp. V-VI.

⁷⁰ *Op. cit.*, p V.